

Pedro Salviano Filho

Pedro Salviano Filho, médico (membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões), especialista em cirurgia geral, é editor do periódico Atualidades Ornitológicas, o mais antigo dos atuais periódicos sobre aves editados no Brasil. Natural de Arcoverde, Pernambuco, passou a residir em Ivaiporã, interior do Paraná, em 1974. Leia a seguir a entrevista:

Aves - Quando e como surgiu o seu interesse por aves?

Pedro Salviano Filho - Na minha infância passava todas as férias numa fazenda do meu pai, no interior de Pernambuco; lá eu tinha muito contato com os bichos, com as aves, com a natureza. Meu irmão tinha gaiolas e eu o via cuidar dos pássaros. Eu gostava de observar as aves; me agradava muito acordar com a passarada cantando naquelas árvores grandes da fazenda.

Aves - Você cria ou já criou aves? Quais?

Pedro Salviano Filho - Eu retomei o *hobby* quando minha esposa ganhou um casal de canários, no final dos anos 70. Nasceram 12 filhotes na estação de criação e sobraram para mim os cuidados para com eles. Nessa época fiquei fascinado com o número de cores que o canário havia ganhado, ao visitar uma exposição de canários em Londrina. Sem saber escolher entre tantas cores e tantos nomes - como pastel, ágata, acetinado etc. - comprei apenas a revista da exposição onde era apresentado um artigo sobre genética das cores. Intrigado com as diferenças da genética humana, comecei a adquirir livros e revistas sobre canários. Passei a contatar criadores e iniciei uma criação de canários. O desafio em encontrar informações coerentes me fez ampliar os contatos com pessoas de vários países. Já colaborando com as revistas ornitofílicas da época ("Canarinho" e "Canaricultura

& Ornitologia"), assinando várias outras revistas e jornais estrangeiros, me deparei com um fato curioso: o aparecimento de um canário negro (depois constatado não se tratar de mutação), em Campinas-SP. Recorri, com a documentação disponível (fotos, penas, dados etc.), a muitos *experts* de vários países e isso resultou numa interessante troca de conhecimentos entre todos. Isso foi a base do surgimento da AIO (Amicale Internationale Ornithologique), depois evoluída para CRO (Commission Recherche Ornithologique) da COM (Confederação Ornitológica Mundial) da qual ainda hoje participo.

Aves - Falemos agora do Atualidades Ornitológicas. Você pode nos contar um pouco da história deste periódico? Como e quando começou e de onde veio a idéia?

Pedro Salviano Filho - Já participando ativamente das exposições ornitológicas da SOL (Sociedade Ornitológica Londrinense) e dos campeonatos da ABOA (Associação Brasileira de Ornitologia Amadora) fui convidado para colaborar no Campeonato Brasileiro realizado pela primeira vez numa cidade de interior: Londrina. Era 1984 e lá foi realizado um campeonato bem diferente. Além das exposições, julgamentos etc. tradicionais, realizaram-se concursos de desenhos infantis sobre aves, de fotografias de aves, *tours* ecológicos etc. Numa assembléia geral, durante aquele evento, questionei o

por quê da ABOA (Assoc. Brasileira de Ornitologia Amadora) não dispor de um órgão informativo, já que isso era uma prática comum na maior parte das associações estabelecidas. Fui procurado depois pelo pessoal da TRILL (que patrocinava também aquele Campeonato) que me convidou para conhecer as instalações da ÉFFEM (multinacional que produz TRILL), em Porto Alegre. Eles ficaram interessados no que eu havia falado, me estimularam e se prontificaram a patrocinar essa publicação. Estabelecemos alguns acordos muito objetivos e passamos a apresentar o AO em novembro daquele ano. Esse patrocínio exclusivo e ininterrupto permanece até hoje.

Aves - O AO já foi o informativo oficial da Federação Ornitológica Brasileira - FOB - então

ABOA. Depois a FOB rompeu com o AO. Sua versão dos fatos nunca foi plenamente ouvida. Pode nos dizer algo?

Pedro Salviano Filho - O AO sempre teve liberdade editorial. O objetivo maior sempre foi o de apresentar o máximo de informações. Foi, e deverá sempre ser, o do *conhecimento compartilhado*. Sem barreiras de países. Sem politicagens. Tudo como foi mostrado nos primeiros editoriais, e seqüenciado durante todos esses anos. Sobre o rompimento da FOB, acredito que tudo ficou bem explicitado na página 5 da edição 41, de maio/junho de 1991. Ali, com o título "Esclarecendo", reproduzimos o original de uma carta do Prof. Giorgio de Baseggio (com a correspon-

dente tradução) e a nota que apareceu na seção "rápidas" da edição 39, onde o Prof. me pedia para que fossem retificadas as correções feitas em cima dos seus desenhos do canário Gibber italicus, que foram indevidamente publicados (falsificados, como diz textualmente o autor) no livro "Julgamento de Canários de Porte" editado pela OBJO. Ele justificava que "A maioria dos desenhos estão errados. Na página 112 aparecem desenhos modificados dos meus originais. Tais 'correções' são erros técnicos sérios, porque o Gibber Italicus não tem um 'cestinho' como foi

feito, mas somente duas 'vírgulas' e as penas do dorso são como as dos meus desenhos [penas escassas] e não com o dorso de plumagem abundante." Pois bem, apenas isto, a publicação de um pedido de um autor, que vendo seus



Pedro Salviano Filho (à direita) com o ornitólogo Helmut Sick

desenhos alterados, solicitava que esclarecesse isso aos leitores e criadores, resultou em debate de assembléia da FOB (dia 9 de março de 91) com críticas ao AO (particularmente, a mim) e conseqüente rompimento, mesmo sem nenhuma troca de correspondência ou comunicado. O AO permaneceu na sua linha editorial, então sem compromisso de divulgar a FOB, e apenas divulgando o mundo das aves.

Aves - Em que momento você percebeu que poderia congrega num mesmo veículo ornitólogos, ornitólogos e observadores? Essa idéia de congrega esses grupos existiu desde o início, ou algo aconteceu para que os rumos fossem corrigidos?

Pedro Salviano Filho - Desde os primeiros números o AO abriu espaço para ter uma maior abrangência possível, misturando ornitólogos, veterinários, biólogos, ecologistas, observadores de aves, etc. O mundo das aves é vasto. Como você pode excluir dele, por exemplo, um agrônomo? Esta complexidade é difícil de ser entendida. Já nos exemplares iniciais aparecem matérias originais (nunca antes divulgadas) de Luis Claudio Marigo, Jacques Vielliard, Helmut Sick, Augusto Ruschi, Dalgas Frish, Rolf Grantsau e tantos outros. A simpatia dos autores estrangeiros foi também uma coisa determinante. Poucas publicações mesclam tantas idéias como o AO. Até do Japão conseguimos intercambiar informações (que foram depois, como muitos outros artigos, reproduzidas por uma revista francesa).

Aves - Pode nos contar um pouco dos bastidores do AO durante todo este período?

Pedro Salviano Filho - Aprendi cedo que devemos procurar depender pouco dos outros para atingirmos certos objetivos. Com tempo limitado para o *hobby*, procurei organizar-me para vencer um desafio. As publicações semelhantes no Brasil tinham uma periodicidade instável. Publiquei os 60 primeiros números, exatamente todos, sempre antes da data a que se propunham. A partir daí, resolvi apresentar as edições nos meses correspondentes (as edições chegam ao assinante durante aquele período anunciado na edição), sem nunca atrasar. E já estamos na edição 95. Para conseguir isso tive que recorrer à informática. Adquiriti um CP500 (era esse o nome do computador) já em 1985 e fui traduzindo os textos, digitando outros que, junto às fotos eram levados para gráfica (Folha de Londrina) para ser montado o AO. Os revisores, às vezes, retiravam os itálicos ou um simples N maiúsculo que o autor queria para Natureza; e muitas vezes perdia o exigente colaborador que não queria ver ser artigo "massacrado".

Isso me aborrecia. Certa vez, em Paris, enquanto minha esposa visitava as lojas, eu ficava envolvido com os pet shops ou lojas de informática. Pois foi lá que vi, pela primeira vez, uma impressora a Laser. Não deu outra: trouxe os catálogos e encomendei uma delas (caríssima, na época). Acho que foi uma das primeiras a chegar ao Paraná. Já com o meu PC, fiquei dias até dominar e tirar as primeiras tiras das colunas que compunham o jornal (a primeira vez foi na edição 24, em meados de 1988). Aos poucos fui dominando os programas de editoração eletrônica (Ventura, depois Page Maker e QuarkXpress) e logo comecei a ser requisitado por muitas gráficas para ensinar aos funcionários a nova onda. Não tive como contornar e nos meus finais de semana minha casa ficava cheia de funcionários dos jornais da região. Com o modem já não precisava me deslocar para entregar o AO para a gráfica; apenas mandava as fotos e os fotolitos antecipadamente e o AO (textos) ia via modem. Com o advento da Internet logo aderimos a outra nova moda. Com scanner, nem precisávamos mais mandar fotos; tudo ia pronto. Em 1996 inserimos o site do AO. Tivemos que aprender a criar as páginas e, por sorte, identificamos o *splash* (hoje flash 4) como uma das ferramentas de melhor apresentação gráfica, com som (vozes de aves em MP3), animação e imagens ocupando um mínimo de espaço. Atualmente o **AO na Internet** (www.ao.com.br) tem sido uma das mais fantásticas formas de comunicação do mundo das aves. Com crescente desenvolvimento e constante atualização, o site (desde o início bilíngüe) se transforma num portal para os que trabalham ou apenas gostam das aves. A criação, embora retardada, da lista de discussão ORNITOFILIA, parece ser uma prova disso. Em apenas um mês, inúmeros participantes parecem deslumbrados com a forma de comunicação, vivenciadas pela experiência dessa ferramenta.

Aves - Desde que o AO começou a circular, outros veículos informativos sobre aves surgiram no Brasil. Como você vê a "imprensa ornitológica e ornitofílica" atualmente? O que te chama mais a atenção, positiva e negativamente?

Pedro Salviano Filho - Se você verificar que em alguns países europeus, pequenos, possuem publicações análogas com uma tiragem acima de 40 mil exemplares semanais; se você sabe que o Brasil caminha para ser o país que terá o maior número de espécies de aves (perde ainda para Colômbia e Peru) e quase nada publica sobre o tema, é sempre agradável saber que alguém, alguma entidade, lança uma nova publicação.

Já ouvi muitas vezes a reclamação de que o AO deveria ser no formato revista, papel *couchê*, bela apresentação etc. Mas sempre admitimos que, mesmo no estilo tupiniquim, tablóide, papel jornal, letrinha miúda, é mais fácil se manter vivo que apresentar algumas belas revistas, alguns números grandiosos e, depois, desaparecer. É certo que precisamos crescer. É o que fazemos a longo prazo. No início eram só 4 páginas; depois 8 até chegar a 16. Depois capa e verso coloridos. Para passar a 4 páginas em cores demorou um pouco; agora já temos a metade (8 páginas) em cores. A praticidade (e economia) do tablóide continua: seu peso é baixo (favorece a expedição postal, especialmente para o exterior) e o custo é reduzido. É claro que desejamos também chegar a uma edição mais aprimorada, no formato revista. Mas enquanto isto não acontece, complementamos as edições com o **AO na Internet**, que atualiza o leitor-internauta com muitas outras informações: cadastros, agendas de eventos, leis específicas, *links* para assuntos correlatos e muitos outros serviços que, se publicados em papel, ocupariam muito espaço e não teria tanta atualização. E, para os leitores que buscam artigos publicados em edições já esgotadas ou que preferem a versatilidade e praticidade do CD, estamos sempre

atualizando o **AO Eletrônico**, que lançamos na edição 60 (julho 94), naquela ocasião ainda em disquetes.

Na imprensa ornitológica, **Ararajuba** é o expoente pouco explorado. Até que enfim ela constata que a Internet é imprescindível e já lançou também seu site. Outras publicações parecem se definir, como esta **Aves** que agora aparece; **Melopsittacus** que se redireciona da ornitofilia para ornitologia e outras, que deverão surgir pela conseqüente necessidade existente.

Aves - Falando de aves. Você gostou da recente portaria do IBAMA autorizando o comércio de aves de espécies nativas?

Pedro Salviano Filho - Aos poucos (e, muitas vezes, até de forma demorada) a sociedade vai exigindo e as normatizações surgem, ordenando segmentos que ficaram esquecidos. Sabe-se que o tráfico de aves está entre os mais rentáveis, ficando apenas atrás das drogas e das armas. Há alguns anos atrás era até cansativo se ver noticiários falando dos coureiros e das matanças de jacarés, do abate de tartarugas e roubo dos seus ovos, da caça de tantas espécies etc. Foram desenvolvidos projetos, criadas fazendas para a exploração racional de jacarés e tantos outros bichos silvestres e hoje, no que pese alguns problemas, os maiores foram contornados. A mídia ajuda. A conscientização é imprescindível. A sociedade vai, aos trancos, se organizando, o poder público tem que se adequar e uma maior vigilância se estabelece. Assim, a criação comercial, bem organizada e com a vigilância, permite a diminuição da pressão na natureza e espécies nativas passam a despertar maior interesse pelos criadores de aves. As mutações que surgem (mais freqüentemente nos criadouros) são outro fator estimulante para o homem, que sempre busca o mais raro, o mais difícil. Essa possibilidade de se criar aves nativas em criadouros comerciais, visando a venda, é importante, assim, desde que se coíba a captura na natureza e se fiscalize com eficiência. *f*